

# Quilombo ajuda a preservar

Estudo da Embrapa diz que o extrativismo das comunidades negras no Trombetas não devasta meio ambiente

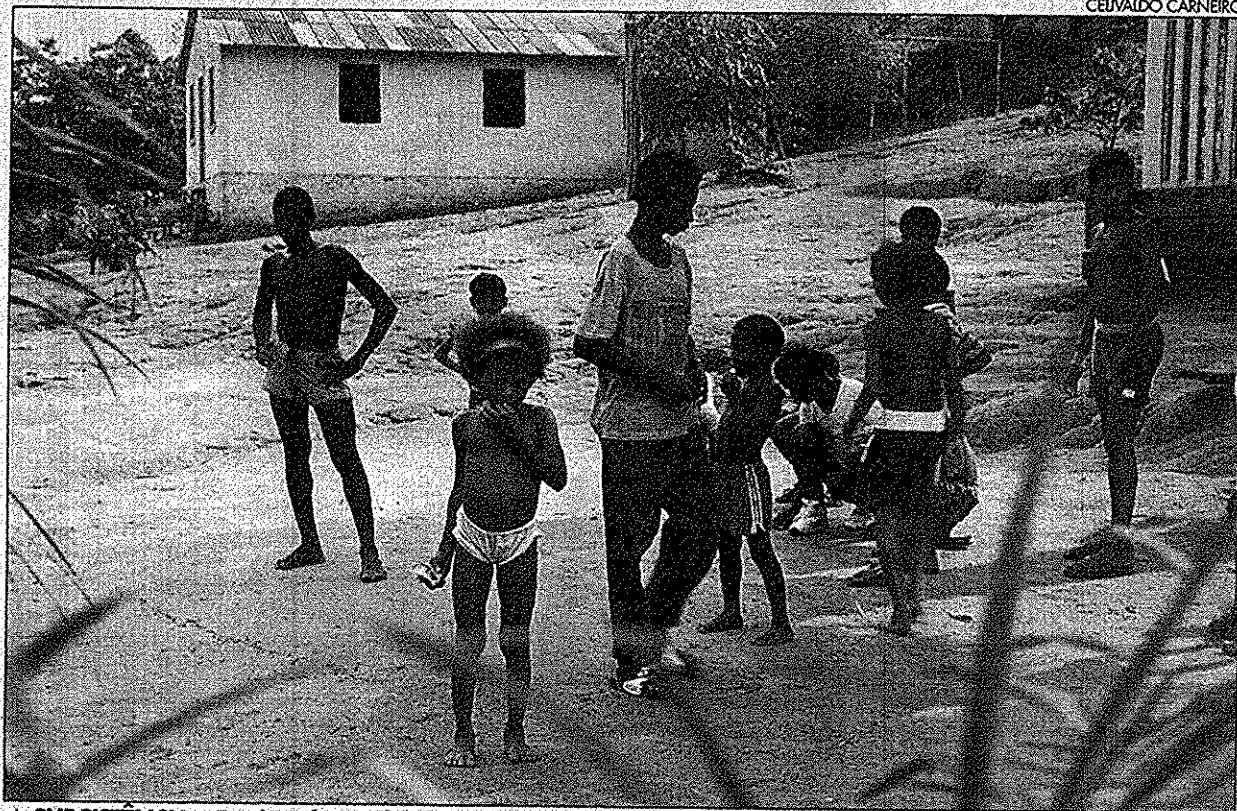
CEIVALDO CARNEIRO

Os remanescentes de quilombos da área do rio Trombetas, no oeste do Pará, conseguem conciliar a prática extrativista com a preservação dos recursos naturais. Esta é uma das principais conclusões de um levantamento realizado este ano pela Embrapa Amazônia Oriental, através de convênio com a Comissão Pró-Índio e a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos dos Municípios de Oriximiná. Os descendentes de escravos habitam uma área de 80 mil hectares, mas atualmente pedem a titulação de mais 223 mil hectares para desenvolver atividades que garantam a sua sobrevivência.

A Embrapa Amazônia Oriental está fazendo um levantamento dos recursos naturais de várias regiões do Estado. No caso da área pertencente aos remanescentes de quilombos, o trabalho servirá para orientar as comunidades quanto à melhor forma de exploração da terra, além de servir como subsídio no processo de titulação. Atualmente, a coleta da castanha-do-Pará é a principal fonte de renda de grande parte das mais de 12 mil pessoas que vivem na região.

"Para pleitear esta nova área as duas instituições solicitaram um levantamento dos recursos naturais. Com imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) fizemos mapas preliminares e fomos ao campo", explica o pesquisador Adriano Venturieri, da Área de Recursos Naturais e Meio Ambiente da Embrapa.

A maior parte da área titulada pelo Incra funciona como propriedade coletiva; no entanto, alguns espaços menores foram regularizados de forma individual. Cruzando informações do mapa de uso da terra (que mostra onde estão as pastagens, plantações e áreas preservadas) com o mapa que mostra a delimitação das propriedades, o levantamento constatou que as



▲ SUBSISTÊNCIA - Região dos quilombos, no Trombetas, vive do extrativismo e ajuda a preservar ambiente

áreas individuais são as que apresentam maior número de pastagens.

"Na área coletiva, os descendentes de escravos vivem basicamente da extração da castanha-do-pará. Eles praticam uma agricultura de subsistência, principalmente da mandioca. Pelo próprio hábito, continuam preservando os recursos naturais, como faziam seus ascendentes há mais de cem anos, mesmo que não se dêem conta disso", diz Adriano Venturieri.

Como diz o próprio título do projeto da Embrapa - Levantamento de recursos naturais como apoio ao zoneamento de quilombos na região do Rio Trombetas -, os pesquisadores fizeram, na finalização do trabalho, um zoneamento em função do relevo, solo

e vegetação das duas áreas. Os 80 mil hectares demarcados receberam a denominação de área do Trombetas. Já o espaço que está sendo pleiteado pelos remanescentes dos quilombos é designado como área do Erepecuru.

"Nesta região a terra não é indicada para pastos, mas notamos que há um avanço da devastação em áreas próximas. Como não estivemos pessoalmente nessas áreas afetadas é impossível dizer de quem é a responsabilidade", avalia o pesquisador. Através do zoneamento foi possível constatar que cerca de 90% da área do Trombetas e 80% da área do Erepecuru são realmente indicadas para o extrativismo.

A comunidade de remanescentes

de quilombos da área do Rio Trombetas vive sem saneamento básico e qualquer outro tipo de infra-estrutura. A caça e a pesca são utilizadas para a subsistência. "Com a castanha-do-pará eles fazem doce, que não tem grande produção por falta de técnicas de conservação. A Embrapa poderá disponibilizar tecnologias nesse sentido e mesmo para o reflorestamento dos castanheais", assegura Adriano Venturieri.

Um dos projetos que poderá ajudar economicamente os remanescentes dos quilombos envolve a exportação de castanha-do-pará para a Holanda, que também depende da utilização de tecnologias que aprimorem a produção.